

Voz da Fátima

Director, Editor e Proprietário: Dr. Manuel Marques dos Santos / Empresa Editora: «União Gráfica» — R. de Santa Marta, 158-Lisboa / Administrador: P. António dos Reis

A IGREJA DE NOSSA SENHORA DA FÁTIMA EM LISBOA

Há cerca de dois anos começou a construir-se na Avenida de Berna, em Lisboa, uma nova igreja em honra de Nossa Senhora da Fátima.

A escolha do lugar obedeceu à necessidade urgente de dotar um dos maiores bairros da capital, dum templo amplo que fosse casa de oração e lar espiritual dum núcleo de almas que sofrem desde há muito a sede de Deus, tantas vezes apenas por se considerarem longe da Fonte...

O senhor Cardinal Patriarca de Lisboa viu admiravelmente como podia acordar no deserto a graça dum oásis e logo se lançou a uma das mais arrojadas iniciativas da história religiosa dos últimos tempos em Portugal.

O templo de Nossa Senhora da Fátima, de facto, marca um dos momentos mais gloriosos do seu pontificado. É, só por si, a afirmação iniludível dum espírito superior que soube integrar-se na sua época, para melhor encaminhar os homens no sentido da Verdade Salvadora. É o *Avê!* da Fátima cantado pela Arte Moderna Religiosa.

Levantaram-se, a princípio, problemas complicados. A nova igreja, desejava-se que fosse de estilo moderno. Era legítima a preferência. Mas as exigências da técnica? E a adaptação às normas litúrgicas?

Tudo se venceu dentro dum critério a que nunca deixou de presidir a virtude da prudência e um respeito absoluto pelas directivas canónicas.

Na igreja de Nossa Senhora da Fátima, da Avenida de Berna, sentimos toda a freme da alma contemporânea e a alegria infinita que ela goza no repouso encontro com Jesus.

As linhas são rectas como os princípios eternos do Evangelho.

A torre, com os seus quarenta e tantos metros de altura, é um símbolo grandioso. De noite, projecta sobre o casario do bairro em silêncio a bênção luminosa da cruz que a rasga de cima a baixo.

A solenidade austera da frontaria é quebrada pela figura dulcíssima de Cristo que preside ao friso hierático dos Apóstolos e pe-

lo olhar da Virgem que nos cai de riba, do ângulo esquerdo do templo, como um raio de sol.

Dum lado e doutro da igreja, o baptistério e a casa mortuária: duas atmosferas diferentes, duas côres diversas, mas duas realidades que nos aproximam igualmente de Deus.

Morrer, para um cristão, não é sair, é entrar...

A maior impressão, experimentamo-la no interior do templo, onde a harmonia se cesa com a grandeza, o esplendor com o recolhimento, o cântico com a prece, o *Te-Deum* com o *Miserere*.

Todos os artistas se preocuparam com dar-nos uma obra de intensa beleza religiosa. E podemos afirmar que o conseguiram.

A nova igreja de Nossa Senhora da Fátima é, por dentro, toda feita de mãos erguidas...

A arte moderna chamou pela tradição e, no abraço que lhe deu, transfigurou-se. Os vitrais, em que nos surpreende a maravilhosa sugestão do bizantino e do gótico; os passos da Via-Sacra, humanamente doloridos e divinamente resignados; os frescos do arco da capela-mor e da platibanda do côro, tudo tem um sabor palpante de modernidade, requintado ainda pela riqueza dos mármore, dos mosaicos e dos candélabros dourados. O órgão é dos melhores da península.

É esta igreja, sem dúvida, uma grata homenagem a Nossa Senhora.

A mesma Virgem do Rosário que apareceu a três pastorinhos numa serra agreste e a Fátima tem levado milhões de crentes há-de gostar de ouvir, no templo que se lhe levanta agora em ple-



na capital do Império, o clamor ardente do seu povo.

Os que ali forem ajoelhar são também romeiros da Cova da Iria.

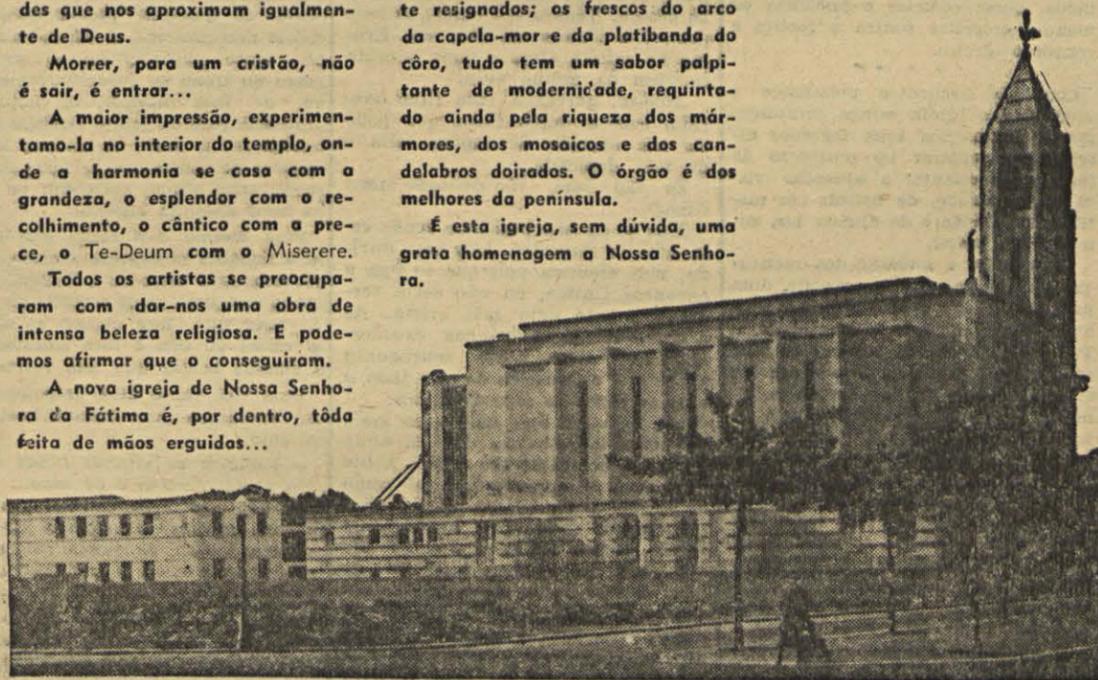
Fátima está lá dentro, com o seu segredo, a sua influência sobrenatural, a sua oração, o seu sacrifício incessante. Fátima, afinal, é, já hoje, Portugal inteiro.

De todos os pontos da nossa terra vemos a capelinha das aparições, de tanto a trazermos nos olhos e na alma.

E estamos quasi chegados a uma hora em que Fátima deve andar, mais do que nunca, na devoção de todos os portugueses.

Como havemos de celebrar condignamente o duplo centenário da Independência e da Restauração da Pátria, senão indo aos pés de Nossa Senhora levar-lhe o nosso agradecimento vivo por oito séculos de história e pedir-lhe para o mundo, que as paixões dos homens teimam em conturbar, a paz de que Ela é Rainha?

P. MOREIRA DAS NEVES



Lisboa — A igreja de Nossa Senhora da Fátima — Ao lado, a residência paraquial

CRÓNICA DE SETEMBRO-13

No dia 13 de Setembro último, realizou-se, na forma dos outros meses, a peregrinação mensal ao Santuário de Nossa Senhora da Fátima, na Cova da Iria, com as mesmas solenidades religiosas, com a mesma ordem e entusiasmo e com extraordinário fervor de piedade.

Na véspera, às 10 horas da noite, teve início a procissão das velas que decorreu com brilho e imponência, tomando parte nela muitas centenas de pessoas.

O firmamento conservou-se nublado, mas, até ao fim daquela homenagem de devoção para com a Santíssima Virgem, não choveu nem fez vento, estando o tempo tranquilo e ameno, o que concorreu sobremaneira para o bom êxito dessa tocante manifestação de fé e de amor filial.

//

Terminada a procissão das velas começou a adoração do Santíssimo Sacramento solenemente exposto no altar do pavilhão dos doentes. Mal tinha principiado êsse piedoso acto

quando se desencadeou uma violenta trovoadá, acompanhada de vento fortíssimo e de chuva torrencial, que obrigou a multidão dos fiéis a recolher-se em grande parte na capela das confissões. Por êsse motivo, a cerimónia da adoração teve de continuar naquele templo para onde foi levada a sagrada custódia, para êsse efeito.

Nos intervalos das dezenas, fez práticas apropriadas o rev. dr. José Galamba de Oliveira, que comentou os mistérios dolorosos do Rosário.

//

Celebrou a Missa dos doentes o rev. P.º José da Cruz Perdigão, pároco da freguesia da Marinha Grande. Ao evangelho prêgou o rev. dr. Galamba de Oliveira.

O Senhor Bispo de Leiria deu a bênção com o Santíssimo Sacramento aos doentes.

Levou a umbela o sr. dr. Alberto Dinís da Fonseca, distinto advogado da Guarda e ilustre conferente e jornalista, admirável figura do laicado católico português, que tem sido um

dos maiores amigos da Obra da Fátima, à qual desde a primeira hora deu o melhor do seu esforço e da sua dedicação.

Assistiu a todos os actos oficiais Sua Ex.ª Rev.ª, o Senhor Bispo de Leiria, que acompanhou as duas procissões com a veneranda Imagem de Nossa Senhora da Fátima.

Contribuíram bastante para a magnificência das solenidades do dia 13 de Setembro, por um lado, o bom tempo que fez durante toda a manhã e grande parte da tarde e, por outro lado, a devoção e o recolhimento dos fiéis que se mostravam em extremo satisfeitos.

//

Entre outras pessoas vieram também cerca de sessenta raparigas do Instituto Conde de Agrolongo, de Lisboa, e outras tantas alunas do Patronato de Nossa Senhora da Fátima, de Évora, que se distinguiram pelo ardor da sua devoção e pelas manifestações do seu entusiasmo.

Os doentes cujos nomes foram inscritos no livro de regis-

to do Posto das verificações médicas e que receberam a bênção eucarística individual, eram em número bastante avultado.

Entre êles estavam cerca de cinqüenta do Sanatório de Coimões (Coimbra) que foram acompanhados pelo seu capelão, rev. Cônego José Simões Maio, e pelas beneméritas religiosas de S. Vicente de Paulo que têm a seu cargo a enfermagem daquele Sanatório.

Antes do «Adeus» final, o venerando Prelado de Leiria concedeu a bênção episcopal à multidão ajoelhada e benzeu e indulgenciou os têrços, medalhas e outros objectos de piedade apresentados pelos fiéis, tendo-se também sufragado publicamente a alma do sr. Rui Cordovil, católico praticante e fervoroso, dedicado servita, distinto jornalista e poeta, que Deus foi servido chamar recentemente à sua presença.

Visconde de Montelo

Nota — Entre outros estrangeiros tomaram parte na peregrinação os Reverendos Padre Mocquet que fazia parte do grupo dos intelectuais franceses que vieram a Portugal e um Rev. Padre Carmelita belga.

AVISO

Quer o Santuário de Nossa Senhora da Fátima quer as pessoas que aqui trabalham, são completamente estranhas a quaisquer negócios ou empresas, seja qual for a sua natureza e fins, embora apresentados com o nome de «Fátima».

O perseguidor racismo alemão

Não há por certo ninguém que não tenha ouvido falar da perseguição diabólica e infernal que os católicos sofrem actualmente na Alemanha.

Os nomes de Deus, da Virgem e dos santos são alvo das mais insolentes blasfémias, a honra do Papa é atacada, os bispos são exilados e insultados, o clero é caluniado, a juventude é sistematicamente impedida de ir aos templos, a imprensa católica é confiscada, as publicações religiosas são proibidas e, por cima de tudo isto, ainda vem uma campanha infame contra a Igreja que se acusa de aliada com o comunismo e com a maçonaria.

Quem diria há 5 anos, quando Hitler (que precisava de se firmar no poder) para conquistar o auxílio e o apoio dos católicos, assinava a concordata com a Santa Sé e reconhecia a liberdade da Igreja, quem diria — perguntamos — que havíamos de chegar a este lamentável estado de coisas?

Hoje porém temos de acreditar a triste e brutal realidade dos factos e examinar de suas causas que afinal de contas se podem resumir no racismo alemão.

O racismo é a religião da raça que os alemães hitlerianos se lembraram de pôr em prática nos últimos tempos.

Movidos por um nacionalismo exagerado, exaltaram de tal forma o valor e pureza do seu sangue, que a raça alemã foi divinizada e agora querem que o mundo inteiro lhe renda culto.

Para eles, a sua raça — a raça ariana, raça que dá homens altos, louros, fortes e belos — está acima de tudo.

Raça eleita (!) de Deus (que os racistas aliás só perseguem e insultam) é necessário que se conserve pura, fazendo selecções como qualquer criador de gado; que não se deixe contaminar pelo contacto dos judeus que impiedosamente são expulsos da Alemanha, ou dos latinos a quem a arrogância germânica já alcançou de negroides.

Raça superior (!) combate a paz como um estado aniquilador das energias humanas e, proclamando a guerra como uma necessidade sua, sente-se fadada para dominar e se impôr, pela força das armas, ao mundo inteiro, de intervir caprichosamente na vida das outras nações, a

pretexto de proteger arianos desordeiros e revolucionários.

«Raça divina» (!), ou pelo menos divinizada, ela é o fim supremo da vida. Tudo abarca e tudo lhe deve estar subordinado.

Deve-lhe estar subordinada a família e por isso rouba aos pais o domínio dos filhos, para os constreir como pertença do Estado.

Deve-lhe estar subordinada a educação e por isso toca de acabar com as escolas confessionais, de proibir as publicações religiosas e de impedir a juventude a entrada nos templos.

Deve-lhe estar subordinada a religião porque lhe convém «arranjar» uma Igreja nacional alemã.

Deve-lhe estar subordinada a moral para que, com uma moral a seu modo, possa cometer e justificar as maiores tropelias contra a justiça e contra o direito.

Com tão insolentes pretensões e atentados a Igreja estava profundamente ferida nos seus sagrados direitos de penetrar no santuário da família, de orientar a educação cristã da juventude, de definir em matéria de religião e de ajuizar nos domínios da moral.

O desaforo e audácia dos racistas precisavam, pois, duma resposta, dum protesto. E essa resposta e esse protesto não tardaram. S. Santidade, o Papa Pio XI, chama Hitler e os seus apauzados à responsabilidade e aponta-lhes os limites excedidos, limites, para mais, garantidos pela letra da concordata.

Não fez caso disso o orgulho germânico.

Mas éssé venerando ancião, Pai da Cristandade, também não verga. Publica uma Encíclica e condena a «nova espécie de idolatria que ameaça impelir a Europa cristã até o extremo limite da apostasia e da barbárie».

Os católicos alemães ao ouvirem a voz do Vigário de Jesus Cristo, uniram-se para defender os seus direitos, da sua inteligência e da sua consciência. Tanto bastou para que fossem acusados de se intrometerem na política e para que caíssem sobre eles o ódio, os insultos, as violências e os maus tratos do perseguidor racismo alemão!

Tal é a actual situação religiosa na Alemanha!

Peçamos pelos nossos irmãos perseguidos!

A's mãis

BRANCA DE CASTELA (mãe de S. Luís rei de França)

POR MOSS

«Antes queria ver-te morto, querido filho, do que manchado por um só pecado mortal».

«Pereça este corpo que eu te dei, mas viva para sempre a tua alma que vem de Deus».

Estas palvaras sublimes dirigidas por Branca de Castela a seu filho que foi um dos grandes reis de França e é hoje um grande santo venerado nos altares, são parafraseadas por um dos seus biógrafos do seguinte modo:

«Deus é testemunha, meu filho, e tu próprio deves sentir quanto o meu amor é intenso. Como não haveria de ter por ti a mais profunda ternura se tu representas a recordação viva do meu augusto espóso, teu pai? Revejo-o em toda a tua pessoa. Tens o seu olhar, os seus gestos, o timbre da sua voz. Evocas na minha alma a mais querida imagem da minha vida».

Amo-te, portanto, meu filho querido, com a dupla força que pode ter um coração de esposa feliz e de mãe dedicada.

Es tão bom, tão delicado, meu filho!

Mas se eu não possuísse senão esta afeição terrestre, bela sem dúvida, mas efémera pois que se liga a encantos finitos, eu não seria verdadeiramente uma mãe cristã. As ovelhinhas, as avezinhas exceder-me-iam talvez neste sentimento admirável e instintivo de que todo o animal cerca os seus filhinhos.

Por isso eu ligo mil vezes mais importância à beleza da tua alma do que à beleza do teu corpo. A luz sobrenatural aparece-me tal como te tornou o baptismo: rei da criação, irmão dos anjos, herdeiro do reino eterno, filho privilegiado de Deus. E assim, meu filho, se eu não pudesse ver-te conservar os encantos exteriores, senão pela perda destes bens infinitos, não hesitaria um só momento; a-pesar do horrível esfacelamento do meu coração de mãe, preferia ver-te expirar nos meus braços ou deitado num caixão do que manchado pelo pecado mortal. Sem dúvida a vista do teu cadáver imóvel e gelado, far-me-ia sofrer mil agonias. Mas com o auxílio de Deus consolar-me-ia o pensamento de te encontrar um dia imortalmente belo; esqueceria a tua imagem humana para não pensar senão na tua forma divina».

Como se vê, todas as mãis cristãs, sejam elas humildes e obscuras como a mãe de Pio X ou de S. João Bosco, sejam ilustres e de mais elevada escala social como Branca de Castela, mãis que compreendem e realizam a alta e nobre missão a que Deus as destinou, põem o maior cuidado e zelo na formação do carácter, na salvaguarda da alma de seus filhos.

Branca de Castela vigiava cuidadosamente pela integridade de costumes de seu filho, vindo muitas vezes de noite, silenciosamente, debruçar-se como um anjo tutelar sobre o jovem príncipe adormecido como que a querer prescrutar os próprios sonhos do adolescente.

Não desdenhava aplicar-lhe severos castigos quando os julgava necessários. Que frutos bem amargos tantas mãis de hoje colhem pela negligência em punir oportunamente as faltas dos filhos, pela demasiada e imprudente indulgência com que lhes desculpam tantos desmandos! Isso não é amor mas perigosa fraqueza e que tão más conseqüências traz.

Não é só a alma do futuro rei de França que merece cuidados a Branca de Castela. Mãe extremosa, educadora admirável, procurou cultivar e desenvolver nele todas as qualidades físicas, sociais e morais que o tornam apto a reger e guiar os destinos da grande nação. E o espírito de fé, o grande amor de Deus que S. Luís bebe no seio de sua Mãe, fazem dele o grande santo de que a França se ufana,

JACINTA

CONTO POR M. DE F.

— Mas, Guidinha...

— E que não podemos mais, Mademoiselle... Eu, pelo menos, já não posso estar de maneira nenhuma... E tu, Nena?

— Eu... tenho tanto frio... e tanto sono...

Mademoiselle Duchêne olhou, consternada, as duas discípulas e depois para o alto, para a ampla abobada muito negra em contraste com a bem dita Cova da Iria, tóda refulgente de milhares de cirios.

— Que fazer, meu Deus! suspirou na sua lingua natal que as discípulas manejavam também já regularmente.

Acabara a procissão das velas e ia começar a Adoração nocturna. Não podia, na verdade, ir levar as pequenas — de 12 e 13 anos — à camioneta, acomodá-las e deixá-las por lá sós à conta de qualquer pessoa mais ou menos desconhecida. E depois, ela tinha tanto empenho em as ter ali, junto do trono de Jesus Sacramento, de lhes mostrar, de implorar protecção para as pobres crianças que, habituadas a todos os mimos, a requintes de conforto e de luxo, sem o suspetairem ainda, acabavam de cair na mais absoluta miséria.

Fôra mesmo essa razão que levava a bondosa preceptora a esforçar-se por conseguir trazê-las à Fátima, contando com uma graça especial da Mãe de Deus que lhes abrisse as almas às coisas do Céu e lhes amortecesse o choque brutal que iam receber.

Uma voz, junto dela, respondia ao seu embarço num francês bastante correcto:

— Também as minhas filhas estavam cheias de frio e de sono... Descobri-lhes um bom cantinho, acolá, naquela entrada do Hospital, por baixo da varanda... Se quiser, vamos ver se ainda por lá há algum lugar...

Agradeceram, seguiram a senhora que tão amavelmente as interpeleira e, num instante, as duas pequenas, com as suas mantas e almofadas, ficavam menos mal instaladas no recanto regularmente iluminado da escada interior do Hospital.

Uma das meninas desconhecidas dormia já a sono sóto. Nena enroscou-se e fez outro tanto. Guida, sem dúvida a mais velha de todas quatro, de olhos muito abertos, observava. A pequena a seu lado tinha um livro na mão. Interromperá a leitura à chegada da mãe com as inesperadas companheiras, mas logo a retomara com uma atenção impressionante pela circunstância da hora e do lugar.

Guida, intrigada, espreitou para a capa do livro onde o título se destacava: JACINTA.

— É uma história? perguntou à leitora que levantou os olhos e a fitou admirada.

— Uma história?... Então não sabe quem é a Jacinta?... Quere que lho diga?

Guida não queria outra coisa e quando já depois das duas horas, terminado o turno da Adoração Nacional, Mademoiselle Duchêne veio buscar as discípulas, nem elas nem ninguém ao pé delas dormia. Sentadas numa roda, passando o livro de mão em mão para verem melhor as gravuras, ou escutando a leitora, as quatro crianças, ainda que inconscientemente, consagravam a Jacinta a sua vigilla no Santuário da Fátima.

Dia 13, as 15 horas... Os peregrinos abandonam o recinto do Santuário, voltando ainda, a cada passo, os olhos nublados e saudosos para a Capelinha das Aparições...

Numa das primeiras camionetas que partem vai Guida, Nena e a sua dedicada preceptora. Tinha esta prometido a mãe prepará-las um pouco para a dolorosa comunicação que seria necessário fazer-lhes logo que regressassem. Mas a disposição das pequenas, o seu entusiasmo pela história das aparições e, dum modo especial pela da vidente Jacinta, cujos episódios se não cansavam de narrar e comentar, animou-a a aproveitar o ensejo levando-as com todo o cuidado e carinho ao conhecimento completo da sua nova situação. E quando as viu, depois de algumas lágrimas e exclamações de pesar, adormecer tranquilamente, uma de cada lado, encostadas ao seu peito, voltou cheia de gratidão os olhos ao Céu onde já luziam as primeiras estrelas e de onde certamente fóra a Jacinta que intercedera por elas...

O procedimento de Mademoiselle Duchêne fóra acertadíssimo, porque as crianças, tomada a boa e firme resolução de se fazerem fortes para suavizar o desgosto da mãe, evitaram, ao entrar em casa, a explosão, de parte a parte, que seria inevitável noutras circunstâncias.

No dia seguinte Guida interrogava:

— E casa, mãezinha?... Ficamos também sem casa?
— Sem esta, sim, minhas pobres filhinhas. Mas a vossa ama, coitada, que já sabe tudo, escreveu-me e ofereceu-me... e pediu-me que fôssemos para a casita que ela tem na serra e que, por sorte, ficou este verão por alugar...

— Na serra?... exclamaram as duas pequenas.

— E há lá ovelhinhas? inquiriu Nena com muito interesse.

— De-certo — e a infeliz senhora esforçava-se por sorrir — e o bom leite da serra será a base da nossa alimentação.

— Então não se rale mais, mãezinha — atalhou Guida. Eu e a Nena seremos pastoras.

— Como a Jacinta! — exclamou Nena entusiasmada.

Mas Mademoiselle entrava.
— Sim, seréis pastorinhas no verão, nas férias... Para o resto do ano temos, graças a Deus, muito melhor.

E para a mãe que se erguia alvo-rocada:

— Já quasi tinha também perdido a esperança de conseguir alguma coisa, quando encontro a Madre Superiora do Colégio de S. José que me diz que, inesperadamente, e ao contrário do que me dissera há três dias, tudo se arranjava. Logo no principio do ano lectivo podem entrar todas três: as meninas para serem educadas e a mãezinha para retribuir ao colégio essa educação, prestando serviços com as suas aptidões e principalmente com o seu talento musical.

Como mãe e filhas, num impulso de reconhecimento, se precipitaram para ela de braços abertos, a boa Mademoiselle Duchêne, levou um dedo aos lábios em ar de mistério:

— Shiu... Isto não é mais que um novo favor da pequenina Jacinta...

O Protestantismo

Continuemos a estudar o protestantismo, mas antes meditemos nestas palavras da Sagrada Escritura:

«Virá tempo em que não suportarão a sã doutrina, mas multiplicarão para si mestres conforme os seus desejos». (S. Paulo, Ep. Timot. II-3).

«Lembraí-vos das palavras preditas pelos Apóstolos de N. S. Jesus Cristo os quais vos diziam que nos últimos tempos virão impostores que andarão segundo os seus paixões». (S. Jud. Ep. II-17).

«Estes são os que provocam divisões, homens sensuais...» (Idem Vers. 19).

Meditemos... e veremos como se cumprem à risca estas profecias.

Como é sabido foi Lutero, um monge alemão, o fundador do Protestantismo. Estudámos a sua vida austera como frade e agora estudaremos os impulsos desregrados do seu carácter a sua vida de escândalo, frutos já da sua nova maneira de pensar, como chefe protestante, através de autores reformados, os mais categorizados.

O seu discípulo querido, Melancton, ilustre e sincero protestante, fala assim do Mestre «Lutero era um homem brutal, sem piedade, sem humi-

idade e mais judeu do que cristão». Citado por Cobbet na Hist. da Reforma, Carta VII. Hessels, colaborador dos fundadores, no discurso «In Coena Domini» afirma que «Deus privara Lutero do Seu verdadeiro Espírito por causa do orgulho desmedido que o dominava».

E este infeliz proclama-se a si próprio reformador da Igreja de Deus, revolta-se contra Ela, suscita a divisão e arrasta atrás de si milhões de almas!

G. Kern, em «Monumento Ortodoxo», pag. 33, escreve estas palavras claras e leais: «Lutero era um homem instável que com a maior facilidade se deixava arrastar pelas suas paixões e perversas tendências e os protestantes mais sinceros, inclusive Plath, reconhecem e confessam estes e outros defeitos. Seria muito conveniente que os protestantes, de comunhão, tratassem de justificá-lo publicamente, não se servindo de desculpas, ou lançando mão do meio fraudulento de riscar das obras dele estas passagens, mas sim do meio leal e santo de condenar nelle tantos excessos».

(Continua na 4.ª pag.)

Voz da Fátima

Assinatura pelo correio

Continente e Ilhas... 10\$00 por ano
Colónias portuguesas 12\$50 » »
Estrangeiro 15\$00 » »

Os pagamentos podem ser feitos por vole de correio pagável na estação-postal da Cova da Iria.

Ler os NOVIDADES é andar a par do que se passa pelo mundo, da evolução do pensamento, das actividades religiosas, politicas, literárias, artisticas.

GRAÇAS DE NOSSA SENHORA DA FÁTIMA

Uma cura extraordinária

Toda a gente recorda ainda com saúde a grande peregrinação de 12 e 13 de Maio deste ano.

Suas Ex.^{as} Rev.^{mas} os Senhores Arcebispos e Bispos de Portugal haviam convidado os fiéis a tomar parte nessa peregrinação nacional em que se ia agradecer a Nossa Senhora da Fátima a grande graça de até hoje nos haver prodigiosamente livrado do flagelo do comunismo ateu.

Portugal católico acorreu ao convite dos seus Pastores e a Fátima foi teatro da maior demonstração de piedade até hoje realizada na nossa Terra Portuguesa.

Os doentes

eram muito numerosos. O vasto recinto fechado que de ordinário se lhes reserva e que este ano era maior, ficou cheio. O registo oficial acusa cerca de 550.

Em frente da escadaria em cujo alto se celebra a santa Missa eles são os representantes de todos os que sofrem.

Sobre eles também, no fim, Sua Eminência o Senhor Cardinal Patriarca fez a cruz com a custódia dando-lhes a bênção do SS.^{mo} Sacramento.

Quem era o doente?

Na segunda fila da frente, do lado da Epistola estava um pobre doente, que desde o dia 27 de Janeiro deste ano em que tivera uma congestão cerebral ficara paralisado do lado direito.

Era o sr. Eugénio Santos, fiscal de obras da 4.^a Repartição da Câmara Municipal de Lisboa, morador na Travessa do Arco da Graça 4-1.^o

Após vários tratamentos eléctricos conseguiu melhorar um pouco, ficando com a perna direita muito presa e com umas contracções nervosas no rosto que muito o incomodavam.

Perdeu toda a esperança de se curar. Não acreditava na eficácia da medicina.

Não tinha religião. Nem casado estava sequer. Registrara-se civilmente havia 15 anos e assim vivia.

Ao vê-lo nesse estado uma senhora procurou convencê-lo a vir à Fátima pedir a Nossa Senhora a sua cura.

Com pouca esperança deixou-se conduzir.

Em carta dirigida ao Arquitecto sr. João Antunes conta o próprio doente o que se seguiu.

Na Fátima

«Desde que cheguei à Fátima comecei a piorar. Assisti, sentado num muro à procissão das velas e, no dia 13, por motivo da grande aglomeração de fiéis e doentes junto ao hospital, estive para desistir, pois me encontrava pior e já tinha caído uma vez. Novamente minha mulher e os amigos me convenceram. Fui e, depois de examinado pelo corpo clínico, dirigi-me ao recinto dos doentes.

Por cinco vezes o meu banco foi mudado, até que, casualmente, ficou à frente junto à escada, apenas com as macas e algumas cadeiras à frente.

A cura

Quando foi da bênção, apolando-me na bengala, ajoelhei e pedi a Nossa Senhora as melhoras para todos, pois que havia tantos doentes piores do que eu e nessa ocasião senti uma coisa sobrenatural, sentindo a vida a fugir julgando que morria e perdi os sentidos.

Minha mulher que foi para me levantar e me viu completamente branco e frio, julgando-me morto, começou a gritar que lhe acudissem.

As pessoas que estavam juntas pediram-lhe que se calasse... e também me julgavam morto. Só quando me viram a tomar cór reconheceram que estava vivo e me deram água de Nossa Senhora a beber.

Quando voltei a mim, senti um bem estar geral e instintivamente mexi a perna e vi que o podia fazer bem, que não estava paralisada nem sentia no rosto aquela tão incómoda contracção.

...E andei sem apoio da bengala».

Produziu-se um alvoroço enorme. Muitos choravam e riam de contentes. Em volta toda a gente gritava «Milagre, milagre!» e queria vê-lo, falar-lhe, tocar-lhe. Os servitas ajudados por outras pessoas formaram um cordão para o proteger e assim o trouxeram até ao Posto de verificações onde os Ex.^{mas} Médicos de novo o examinaram verificando a cura.

Nesse mesmo dia regressou a Lisboa onde se encontra ao serviço.

Os efeitos

Para o pobre doente os efeitos morais foram óptimos: voltou à prática da religião, casou-se, é Vicentino e hoje é um católico às direitas. A imprensa referiu-se ao caso.

Os inimigos da Igreja reagiram. O caso produziu sobretudo em Lisboa grande impressão. Negou-se a doença. Negou-se a cura. Mataram o homem. Acusaram-no de vendido aos padres.

A-pesar-de tudo, curado, ao serviço desde então, apontado com admiração pelos que o conheciam continua a trabalhar. O seu caso fez voltar a fé a algumas pessoas das suas relações.

Enviou larga relação de pessoas que o conheciam antes e depois da cura e junta para atestar a doença antiga e o estado presente o atestado médico que a seguir publicamos:

O atestado médico

Eu abaixo assinado, Médico-Cirurgião pela Faculdade de Medicina de Lisboa, atesto e certifico sob a minha palavra de honra que: «Desde há dez anos tem tratado por várias vezes o sr. Eugénio Santos, de 42 anos, funcionário da Câmara Municipal de Lisboa, então residente na T. de Santa Marinha n.º 14-1.^o e actualmente residente na Travessa do Arco da Graça 4-1.^o; Que há cerca de dez anos, foi chamado à primeira das residências acima indicadas, para prestar assistência urgente ao sr. Eugénio Santos; Que então verificou a existência de uma paralisia de origem luetica, paralisia que lhe abrangia o braço e a perna direita, bem como a face; Que em 27 de Janeiro do ano corrente, novamente chamado de urgência à segunda das residências acima indicadas, encontrou o mesmo senhor, em estado de grande excitação, inconsciente, afásico, com dilatação pupilar, facies congestionado e com hemiplegia direita, ataque que se havia manifestado subitamente na Câmara Municipal de Lisboa, pelo que o haviam feito conduzir ao Banco do Hospital de S. José, onde lhe foram prodigalizados os primeiros socorros; Que a symptomatologia apresentada, era tipicamente patognomónica de «Congestão Cerebral», diagnóstico este que, segundo lhe consta, foi confirmado pelos colegas que ficaram assistindo ao doente; Que mais tarde observou o doente, por este ter piorado e que verificou então que já recuperara

a fala, mas apresentava sinais de acentuada confusão mental, frequentíssimas contracções crónicas da face, o braço direito ainda paralisado, bem como a perna, que o doente arrastava, ao caminhar, o que o forçava a andar amparado a uma bengala; Que observando o doente nesta data, o encontra absolutamente curado, sem vestígios das lesões que o doente apresentava.

Lisboa, 25 de Agosto de 1938

Fernando Van Zeller Pessoa

(segue o reconhecimento)

NO CONTINENTE

João Maria Correia — Lisboa, em carta enviada à «Voz da Fátima» em 9 de Julho de 1935, diz o seguinte:

«Durante 20 anos sofri do coração. Com este sofrimento lá ia passando, mas o ano passado o meu estado agravou-se muito, de maneira que tive de suportar dores horríveis durante a estação calmosa. Várias vezes consultei o médico mas não cheguei a sentir alívios com os medicamentos.

Num certo domingo estando a falar com um amigo, este ordenou aos seus filhos que se preparassem porque eram horas de irem para a Missa. Resolvi ir também apesar de haver já muitos anos que não ia a uma missa.

Depois da missa, sai, e, junto à porta da Igreja, encontrei um rapaz a vender o jornal chamado «Voz da Verdade». Comprei-o também e vi nele que uma sua leitora tinha adquirido uma cura por intercessão de Nossa Senhora da Fátima quando já estava prevenida pelo seu médico que carecia de uma operação à apendicite.

Movido por este exemplo resolvi também pedir a Nossa Senhora a cura para mim e o perdão dos meus pecados e despresos para com a lei de Nosso Senhor. Não tardou o despacho do meu pedido, pois logo me senti sem dores e comeci a recuperar as forças. Ando a cumprir as minhas promessas, entre as quais a de ser assinante da «Voz da Fátima». É bom que os ímpios ponham aqui os olhos e se convertam e procurem ainda a tempo um sacerdote para lhes salvar a alma, que foi o que eu fiz, resolvendo mais confessar-me e comungar no dia 13 de todos os meses, o que faço com muita alegria por ser esse o dia de Nossa Senhora da Fátima».

D. Maria Vitorina Toste — S. Sebastião, diz ter recebido por intercessão de Nossa Senhora da Fátima a graça de se ver livre de contínuas dores que sofria no coração. Reconhecida a Nossa Senhora por tal favor, pede aqui seja publicado o seu agradecimento.

D. Antónia Augusta Costa — Santiago de Cacém, diz: «Não quero deixar passar mais tempo sem publicar a cura duma grave doença pulmonar, cura que obtive por intercessão de Nossa Senhora da Fátima.

Depois de 6 meses de rigoroso tratamento continuava a sentir as mesmas pontadas, tosse e rouquidão. Logo que bebi a água da Fátima, ouvi a Santa Missa e recebi a bênção do S.S. Sacramento como doente, passaram-me as pontadas e a rouquidão, e depois passou-me a tosse a pouco e pouco, encontrando-me hoje perfeitamente bem, pelo que dou muitas graças a N. S. da Fátima».

D. Adelaide da Conceição de Sousa — Aldeia Grande, agradece a Nossa Senhora da Fátima o tê-la libertado de um mal bastante grave que havia sido declarado incurável por dois médicos que a haviam tratado.

D. Virginia Roque da Cunha Rodrigues — Pórtico diz: «Tendo obtido por intermédio de N. S. da Fátima uma importante graça venho pedir a publicação da mesma, como prometi, para honra e

glória de Nossa Senhora e cumprimento da minha promessa».

D. Gertrudes Maria — Ventosa do Mar — Lourinhã, agradece a Nossa Senhora da Fátima a cura de graves padecimento nos rins e pulmões. Renitentes a todos os medicamentos que lhe haviam sido prescritos pelos médicos, só obteve a cura depois de se entregar a Nossa Senhora da Fátima a quem recorreu e invocou como «Saúde os Enfermos».

D. Maria do Nascimento — Ceira — Coimbra, vem agradecer a cura de sua mãe que sofria gravemente do coração estando já desenganada dos médicos. Diz ter obtido a saúde por intermédio de N. S. da Fátima.

D. Maria das Dores — Toledo — Lourinhã, deseja agradecer a Nossa Senhora da Fátima diversas graças que por sua intercessão maternal lhe foram concedidas.

D. Ilda Cruz — Pórtico, pede a publicação na «Voz da Fátima» de uma graça concedida a sua mãe por intercessão de Nossa Senhora da Fátima.

Francisco Baeta Pires Serra e sua esposa, do Covão — Lousã, dizem ter alcançado por intercessão de N. S. Senhora da Fátima uma graça importante cujo agradecimento aqui desejam publicar.

Manuel Borges — Sobral da Barrera, obteve de Nossa Senhora da Fátima a cura de um eczema maligno, favor este que deseja aqui agradecer.

António Freitas — Areias, veio agradecer a Nossa Senhora da Fátima uma graça que recebera do Céu por sua maternal intercessão.

D. Vicência M. Baptista Rodrigues — Cabeço de Vide, tendo recebido por intermédio de N. S. Senhora da Fátima uma graça particular deseja manifestar aqui o seu reconhecimento por tal favor.

Uma carta enviada de Mira d'Aire em 10-7-1935, diz o seguinte:

«Maria Mendes Capaz, de 22 anos, de Mira d'Aire, vendo-se consternada por uma violenta pneumonia dupla seguida uma pleurisia, com abscessos pulmonares, e sem esperança nos recursos médicos, no meio dum abatimento físico e moral, recorreu a Nossa Senhora da Fátima que lhe alcançou a boa saúde de que hoje goza. Em sinal de reconhecimento prometeu publicar esta grande graça na «Voz da Fátima», para honra de Nossa Senhora, o que hoje cumpre com toda a satisfação».

D. Aurora da Conceição Gomes Reis Lima — Capareiros — Viana do Castelo, vem cumprir a promessa de tornar pública na «Voz da Fátima» a sua gratidão para com Nossa Senhora da Fátima por uma graça que por sua intercessão alcançou.

D. Maria Isabel Aranha F. de Mendonça — Paços de Sousa, vendo a sua irmã gravemente doente, recorreu a Nossa Senhora da Fátima pedindo a sua cura. Deu-lhe a beber água da Fátima prometendo ao mesmo tempo adquirir uma imagem e promover o seu culto na freguesia. Como obteve o seu pronto restabelecimento, vem, agradecida, publicar esta graça.

D. Ricardina Ferreira de Oliveira — Lisboa, agradece a Nossa Senhora o tê-la curado de cólicas de fígado de que sofreu durante 7 anos.

Agradece também a insigne graça da conversão de uma pessoa de sua família, que havia já muito tempo não queria saber da prática da Religião Cristã.

D. Martinha Pereira — Viana do Alentejo, quasi perdeu a vista só conseguindo ver muito pouco e com

grande dificuldade. Consultou alguns médicos que diziam julgar necessário arrancar-lhe um dos olhos. Depois, invocando o auxilio de Nossa Senhora da Fátima a quem fez algumas promessas, recuperou a vista no espaço de 2 meses. Veio ao Santuário trazer as suas ofertas e agradecer a Nossa Senhora a sua cura.

Joaquim Alvares de Moura — Coimbra, diz:

«Tendo alcançado duas graças temporais por intermédio de Nossa Senhora da Fátima, para sua maior honra e glória e em cumprimento da minha promessa, peço a sua publicação na «Voz da Fátima».

Américo da Costa e Silva — Vieira — Lourical, diz:

«Tendo obtido inúmeras graças que tenho solicitado de Nossa Senhora do Rosário da Fátima, venho por meio da «Voz da Fátima» manifestar o meu grande agradecimento para sua maior honra e louvor».

D. Ana Guedes de Jesus — Carvalhos — Gaia, pede a publicação, na «Voz da Fátima», da graça da libertação dum eczema que tinha invadido o corpo de sua filhinha Maria Amélia de Jesus Couto.

NOS AÇORES

D. Gertrudes Augusta C. Louro — Açores, agradece a Nossa Senhora da Fátima uma graça concedida a um seu filho e que prometeu publicar no jornalzinho da Fátima.

António Caetano Eduardo — Fajãzinha das Flores, pede aqui seja manifestado o seu reconhecimento a Nossa Senhora da Fátima por 2 graças obtidas por sua intercessão maternal, uma das quais fora concedida em favor de um seu filho e outra em favor de uma pessoa de família, ambos doentes das faculdades mentais, e que por intermédio de Nossa Senhora da Fátima obtiveram tão desejada cura.

D. Maria Ramos Dias — S. Bartolomeu, agradece a Nossa Senhora da Fátima diversas graças que lhe foram concedidas por sua maternal e benéfica intercessão.

NOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA DO NORTE

A Sr. D. Maria Isabel Machado Bristol — A. S. América do Norte, manifesta o seu reconhecimento a Nossa Senhora da Fátima por a ter atendido nas suas aflições.

NOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

A Sr. D. Carolina Silva — Rio de Janeiro, agradece a Nossa Senhora da Fátima o completo restabelecimento de sua filhinha Myriam, de uma pleurisia sobrevida depois duma operação.

NO JAPÃO

P. V. de Couto, Cônsul do Brasil no Japão, vem por este meio tornar público, como prometeu, o seu agradecimento a Nossa Senhora da Fátima pela grande graça que alcançou na ocasião do terrível assolamento desta cidade de Kobe pelas ondas das montanhas, ocorrido em 5 de Julho último.

NOTA: — Não deve causar estranheza o facto de haver demora na publicação dos relatórios das graças enviadas à Redacção da «Voz da Fátima», porquanto, dispondo este jornal de um espaço tão reduzido, e sendo tantos os pedidos de publicação, só passados alguns anos chegará a vez a cada um.

Crónica financeira

Em carta que muito agradeço, solicita-me um venerando pároco de aldeia que publique, neste lugar, um artigo sobre a miséria em que vivem os povos que labutam nos campos. Gostosamente acedo a convite tão gentilmente feito e para satisfazer cabalmente a êle, bastar-me-á transcrever, da prezada carta do meu venerando correspondente, as partes que mais fazem ao caso. Assim farei.

Diz o Senhor Reitor do M.: «As boas finanças são, creio eu, o processo equitativo de equilibrar os gastos com os ganhos; pois bem, é isso que me fornece o motivo para escrever esta carta. A nossa classe agrícola que conhece mais de perto por viver com ele, não pode presentemente realizar esse equilíbrio, por mais cuidados que empregue no seu «modus vivendi». É para isso contribui na sua maior parte o Estado, mais do que outros factores. Contando-se os produtos agrícolas o 20 vezes os preços antigos, e alguns ainda menos, o Estado cobra as contribuições directas e indirectas 40 e 50 vezes.

Eu que pagava \$500 de contribuição predial antes da guerra, pago agora 200\$00. Aqui está um motivo fortíssimo de desequilíbrio financeiro da classe agrícola que paga os outros produtos (utensílios, vestuário, calçado, etc.) por a mesma percentagem; e a agravar a sua miseranda situação, temos agora a crise dos gados, onde o lavrador tinha a sua esperança, fazendo nas crias para a contribuição, e que nem sequer encontram compradores, por qualquer preço. Como há-de o lavrador ou pequeno proprietário arranjar numerário para as contribuições que estão à porta, se nem sequer os seus produtos encontram preço remunerador, pois ninguém aqui procura batatas, o vinho a preços de rastos, etc. Não terá êle razão para amaldiçoar a sua vida e todos aqueles que julga responsáveis?... O nosso povo passa por uma situação desesperada, pois não pode, de maneira nenhuma, fazer face aos compromissos que o esmagam sem alívio. Tanto ou mais do que as contribuições estão os impostos indirectos (registro civil, licenças da égua, do burro, da cabra, do cão, do carro de bois, de peadeiro, etc.). Um registro civil, o 1.º passo para a contribuição da família, fica em centenas de escudos; cada filho se nasce e morre logo, fica logo bem caro (eu já dei conta dum caso de dois gémeos nascidos e que morreram pouco depois, que ficaram em 40\$00...).

Como é que o nosso povo há-de levantar cabeça?...

Só o funcionalismo vive desafogado, com a sua mansolidade certa, que não o queima a geada nem a seca;

o resto é miséria pegada... Proprietários outrora abastados (que pagam à roda de 1.000\$00) vivem em apuros, tendo de se empenhar no fim do ano para pagarem as contribuições (pois não podem viver com mais economia).

Quem vive nas cidades não sabe o viver das aldeias, sem comodidades de qualquer espécie, sem conforto nas suas casas, sem roupa para se cobrirem, sem um cobertor para o frio, em camas que parecem ninho de cão (nunca viram lençol). Poucos povos terão um nível tão baixo de condições de vida como o povo português. É na grande parte é responsável o Estado pela carga, que impõe ao miserável contribuinte».

Tudo o que o Sr. Reitor do M. diz a respeito da vida de miséria do povo das aldeias, é verdade não só nas Beiras, mas em Trás-os-Montes e no Minho e, dum modo geral, em todas as regiões em que predomina a pequena propriedade. Engana-se, porém, o Sr. Reitor do M. quando diz que em Portugal só o funcionalismo vive bem. Os funcionários casados e com família, vivem mal, se só tiverem o que o Estado lhes paga; e nas grandes cidades não vivem só mal, vivem péssimamente. São inúmeros os funcionários que não podem sair à rua na companhia de toda a família, porque... não têm sapatos que cheguem para todos. Para uns saírem, têm os outros de ficar em casa. Em Portugal só vive à larga, o grande proprietário, o comerciante, o industrial e o banqueiro. Os lindos automóveis que se pavoneiam por essas estradas, não são de funcionários públicos. E o que se diz dos automóveis, aplica-se ao resto. Na praça, as criadas dos negociantes e dos industriais conhecem-se logo pelo que compram. Com os lucros da Guerra e da desvalorização da moeda, o comércio e a indústria habituaram-se a um nível de vida que não sei como se há-de sustentar. Esta vida lauta do comerciante e do industrial, é o lavrador que a paga. Mais do que o Estado, são aquelas duas classes que esfolam o pobre do lavrador, comprando-lhe os seus produtos por preços de miséria e vendendo-lhe os déles por preços leoninos. Mas, sejamos justos: há presentemente males de que ninguém tem culpa, porque atingem o mundo inteiro e êsses são talvez os mais pesados para o lavrador, porque lhe caem em cheio sobre os preços dos seus produtos. A baixa mundial dos preços dos produtos agrícolas não é culpa de ninguém.

Mas êste já passa das marcas. No próximo continuaremos.

Pacheco de Amorim

Tiragem da "Voz da Fátima" no mês de Setembro

Algarve	5.810
Angra	20.656
Beja	3.790
Braga	87.850
Bragança	15.576
Coimbra	16.896
Évora	5.428
Funchal	18.894
Guarda	24.526
Lamego	13.489
Leiria	17.527
Lisboa	11.624
Portalegre	11.129
Pôrto	61.650
Vila Real	30.993
Viseu	11.075
<hr/>	
Estronjeiro	356.913
Diversos	3.673
<hr/>	
	378.000

VOZ DA FATIMA

DESPESA

Transporte	1.642.722\$35
Franquias, emb. transportes do n.º 192... ..	6.050\$28
Papel, comp. e imp. do n.º 192 (378.000 ex.)	16.783\$37
Na administração	118\$00
<hr/>	
Total	1.665.674\$00

Donativos desde 15\$00

Anónimo do Pôrto, 25\$00; M.ª de Jesus Soares—Fozcoa, 20\$; António Fernandes Potes — Évora, 40\$00; De Ribelrão Preto — Brasil, 69\$35; Alfredo Barreiro — Lisboa, 20\$00; Assinantes do Alandroal, 50\$00; Maria Joana Patrício—Coruche, 60\$00; Laura Correia Branco — Coruche, 60\$00; P.ª Manuel Azevedo Mendes — Pernambuco, 903\$60; Domicélia Pereira — Loulé, 20\$00; Rosalina Canhola — Pardelhas, 15\$00; José Augusto Pires — Mangualde, 20\$00; Teresa Forte — Setúbal, 20\$00; Maria Lopes Ferreira — Caxaria, 20\$00; José M. Dias — Gulçara, 15\$00; Henrique de Campos — Lins, 30\$00; Francisco Meneses — Brasil, 15\$00; Júlio Marques — Lins, 30\$00; Manuel P. Calças—Lins, 30\$00; P.ª António Fialho Calabote — Al. do Sal, 20\$00; Maria Lopes Braz — Lisboa, 20\$00; Alice Barcelos — Braga, 15\$00; Virginia Fernandes—América, 15\$00; Maria Deolinda—Nogueira do Cravo, 20\$00; Teresa de Oliveira — Alte, 20\$00.

O recreio

O PAPA

Amemo-lo e sejamos fiéis ao nosso grande Pontífice, cuja coragem e firmeza, ante os ataques contra a Igreja e a confusão em que se debate o mundo, são pórtos de abrigo e de defesa, farol que ilumina e guia.

O Papado é, verdadeiramente, em nossos dias, a secular «rocha» inabalável onde se firma, e mantém pura a Verdade. No meio da pavorosa confusão de ideologias opostas—mas que, para maior confusão, chegam a identificar-se perfeitamente, em certos pontos—só o Papa diz a eterna e una palavra verdadeira, sem subterfúgios nem armadilhas, sem tração nem cobardia! Só Ele, firmado na «Pedra» inamovível em que assenta a cátedra de Pedro, e o espírito levantado ao alto e do alto iluminado, enche com a sua figura grandiosa o espaço que vai da terra ao céu, e abrange com a sua inteligência todos os problemas que perturbam a humanidade.

Da eminência do mais alto observatório do mundo—o VATICANO—ocupando o mais elevado pósto da terra, o Papa tem sobre os seus velhos ombros de 81 anos, o pesadíssimo encargo de velar pela Civilização Cristã e de defender a Verdade e a doutrina de Cristo!

Todos o ouvem: amigos e inimigos. É impossível passarem despercebidas a gigantesca estatura da sua personalidade e a poderosa e invencível força espiritual que êle representa, unifica e governa.

A alta missão de que está investido é admiravelmente cumprida contra tantos obstáculos e tantas angústias.

E as inúmeras modalidades dessa missão recebem o mesmo impulso dinâmico e, sem que uma só seja descurada, estão todas em plena actividade.

Pio XI é o Papa da Paz, da Questão Social, (como os seus antecessores), das grandes e oportunas Encíclicas, das Missões e das Canonizações; é também o Papa da prodigiosa renascença cristã-católica do século XX, das reformas e dos incrementos vigorosos. É ainda o imortal e providencial Papa da Acção Católica—essa formidável mobilização geral do exército de Cristo, que sacode o mundo e invade pacificamente as nações, galvanizando-as e vivificando-as, tal como se fosse injeção tonificante de poderoso soro salvador. É o verdadeiro mestre, necessário a esta época da História. O Pontífice que, no mais aceso da batalha, condena, com igual desassombro e justiça, o ateísmo básico e militante do comunismo internacional, o paganismo orgulhoso da estatolatria germânica, e acaba de erguer a sua potente voz, que nada, nem ninguém poderá abafar, e que é ouvida e seguida até aos confins do mundo, para iniciar, se preciso for, a luta, no coração da própria Itália, contra o racismo alemão, que quer apoderar-se do fásquio italiano para implantar na Itália católica a doutrina semeadora de ódio e perseguição».

E a defesa firme e tenaz da Paz e da Civilização latina e cristã, contra os seus grandes inimigos modernos.

Acima do cachoar revoltoso das águas turvas da política tenebrosa, incerta ou violenta, das nações responsáveis ante o mundo pela felicidade dos povos, o Vigário de Cristo—e com êle toda a Igreja na pujante força da sua magnífica Unidade—pugna pelos eternos direitos de Deus e pela liberdade e dignidade da pessoa humana, denunciando os erros, orientando, activando a Fé que produz boas obras, e apontando o caminho direito que conduz à verdadeira Paz concedida na Terra aos homens de boa vontade, mas que deve ter por princípio básico dar «glória a Deus nas alturas».



Não sendo tomado em excesso, o Vinho do Pôrto acorda a memória, aviva a inteligência, distrai o espirito.

Beba «pôrto» como fazem os estrangeiros. 56

FALA UM MÉDICO

XXX

Cada clima é um remédio

Os remédios de botica usam-se cada vez menos; sobretudo nas doenças crónicas, as garrafadas e as pí-lulas estão quasi postas de parte.

A vida na cidade é extenuante e os que nela trabalham todo o ano, em chegando o verão, precisam de ir arejar, para o campo e para a praia, para as montanhas, para as florestas ou para as planícies, conforme o estado do seu coração ou dos seus nervos.

Dizia um célebre médico que não havia remédio que se comparasse a um bom passeio a cavalo em certas moléstias crónicas. E nada é capaz de desenvolver tanto os músculos como remar ou nadar.

Os agentes físicos constituem hoje grande parte do arsenal terapêutico, e os médicos aconselham constantemente as maçagens, a ginástica, os variadíssimos banhos de mar, de caldas, de rio, a electricidade, os Raios X, etc.

No campo e nas termas são de grande proveito os frutos, e sobretudo a chamada cura de uvas.

Os médicos fizeram as pazes com o vinho. É claro que o abuso das bebidas alcoólicas é extremamente no-

civo. Mas não há inconveniente algum em usar moderadamente, as refeições, os nossos vinhos de mesa, que não só nos ajudam a alimentar como também nos tonificam e ajudam a restaurar a saúde.

A assistência moral realizada por um médico de confiança é um excelente adjuvante: os conselhos, a persuasão e sugestão praticada pelo médico, as distrações, as emoções alegres, a fé, as pregações e as boas leituras auxiliam também a cura.

A confiança no médico é indispensável: cada pessoa deve ter o seu médico, escolhido livremente, e confiar nele. É claro que o médico não faz milagres. O seu poder é até bastante restrito, pois limita-se a curar algumas vezes, a melhorar muitas vezes e a consolar sempre os seus clientes.

No tratamento das doenças crónicas, devemos ter em vista o pensamento do velho escritor Michelet:

«A terra é um médico, cada clima é um remédio».

Ao abandonar periodicamente a lufa da cidade, cada um escolha com critério a estância que lhe convém.

P. L.

O Protestantismo

(Continuação da 2.ª página)

Este meio fraudulento é muito usado pelos protestantes para deturpar, cortar, citar sem ser a propósito, certos versículos ou trechos das Escrituras, que mostram com clareza irrefutável os seus erros e confusões.

Um exemplo: os chefes da Reforma rejeitaram todos a doutrina da necessidade das boas obras. Ora, na Bíblia, a Carta de S. Tiago, Apóstolo, preconiza claramente e com certa insistência, a necessidade das boas obras: «A Fé sem obras é morta» (Cap. II-26). Pois, conta o escritor Cobbet: «Lutero e os seus sectários rejeitaram inteiramente a Carta de San Tiago, Apóstolo, porque nela insta e recomenda as boas obras».

Lutero era tão orgulhoso, o facciosismo com que impunha a sua doutrina tão cego que chegou a fazer esta afirmação monstruosa: «não quero que a minha doutrina seja julgada nem mesmo pelos anjos; porque, estando eu seguro da verdade dela, quero por ela julgar a todos e aos mesmos anjos». (Obr. Lutero).

Só o próprio Satanás o deve ter cedido em soberbal...

Seria na verdade este homem um enviado por Deus para pregar uma

reforma? Será difícil ver que Lutero é a mais violenta negação da humildade, da caridade, da pureza, virtudes principais que caracterizam todos os santos de Deus? Não será fácil concluir que um credo religioso fundado por semelhante criatura, imposto pela força, mantido à custa dos meios mais materialistas, dividido e vário, não é, não pode ser verdadeiro, não veio de Deus?

Toda a vida de Lutero é sem virtudes e cheia de excessos. A sua morte foi horrível e desesperada e as consequências da sua revolta foram tão terríveis e causaram tantos danos, que o sangue correu e vítimas sem conta foram sacrificadas nas guerras religiosas e na repressão ao protestantismo.

Ainda em vida de Lutero a falta de Unidade doutrínaria que continua e é cada vez maior, marcou o protestantismo com o ferrete do erro. Seitas sem conta surgem e contradizem-se umas às outras. E já Lutero descompunha os novos fundadores que iam de encontro aos seus ensinamentos.

No próximo número continuaremos a estudar a personalidade de Lutero e vamos conhecer a sua doutrina.

Entre nós são dignas de nota as palavras de Paulo Freire: «É curioso notar que a única voz que se ouve na Europa (e no mundo) pregando a boa doutrina, a doutrina da Paz e do respeito humano, é a do Papa». Referindo-se às últimas Encíclicas de Pio XI, afirma desassombadamente: «ali é que está a verdade... aquela verdade que ambicionam os homens livres que não fazem da sua liberdade a tirania dos outros».

Amemos o Cristo visível, e oremos muito pelas suas intenções e pelos seus trabalhos tão pesados! Oremos pelo Papa! Unamo-nos ao Papa! Sigamos o Papa!

Maria da, Flores

Imagens, estampas e todos os artigos religiosos: há sempre grande variedade na «União Gráfica».

Este número foi visado pela Censura